

**A casa transoceânica:
a forma da residência moderna portuguesa e a sua
influência nos territórios brasileiro e africano.**

Inês Lima RODRIGUES*, Inês Lima RODRIGUES

*Mestre em “Teoría y Práctica de proyecto de Arquitectura” pela Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Julho 2007

Arquitecta pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2002

Filha de Luis Fialho Rodrigues e Maria Júlia de Lima Carranca Fialho Rodrigues

Calle Poeta Cabanyes, n.18 1º 1ª
08004 Barcelona - Espanha

rodrigues.ineslima@gmail.com

Resumo

O texto une percursos históricos entre Portugal, Brasil, Angola e Moçambique, perante a herança cultural arquitetônica portuguesa dos princípios modernos da habitação coletiva. Se põe de manifesto os dois paradigmas centrais do Movimento Moderno: a Carta de Atenas e a habitação coletiva, gerando a oportunidade de interpretar a natureza e o caráter de cidades e uma série de operações de transformação da forma urbana. Interessa entender as obras de produção arquitetônica assumindo o projeto como a sua natureza dialética. No eterno debate entre o Moderno e o Tradicional em Portugal, desenvolve-se simultaneamente uma modernidade cultural e os laços históricos que unem portugueses a angolanos, moçambicanos a brasileiros. Surgem inovações modernas dentro de modelos tradicionais, onde é visível a repercussão e transmissão inequívoca da cultura brasileira em território português, que acabará por comunicar-se também em territórios africanos.

Se pretende a identificação dos elementos de referência inerentes ao sistema da habitação moderna: desde a cidade à tipologia, em países de história comum com o objetivo: 1) registrar as abundantes provas de uma inter-influência cultural; 2) contribuir para a divulgação da arquitetura moderna; 3) valorização do projeto como processo investigação arquitetural. Se relacionam obras arquitetônicas, testemunhos do valor moderno, de urbanistas, arquitetos, paisagísticos, engenheiros e artistas plásticos que trabalhavam em comum com um objetivo: construir um mundo melhor. Um ensaio que tenta contribuir à definição da Forma do *habitar moderno*, como um conjunto de relações e significados de modo a caracterizar a melhor arquitetura de raiz portuguesa do século XX e simultaneamente registrar o marco histórico e teórico da sociedade do século XXI. Uma análise do passado, no presente, para o futuro. Não pretendemos ainda, ser modernos?

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna, Países de Expressão Portuguesa, Interdisciplinaridade, Habitação Coletiva, Projeto Moderno

Abstract

The text connects historical and cultural aspects between Portugal, Brazil, Angola and Mozambique, before the Portuguese architectural heritage according to the principles of modern collective housing. The manifest of the two central paradigms of the Modern Movement: the Athens Charter and the collective housing allow to interpret the nature and character of cities and a series of transforming operations of the urban form. Important to understand is the works of architectural production seen the project as dialectical nature. In the eternal debate between modernity and tradition in Portugal develops at the same time the cultural modernity between Portuguese, Angolans, Mozambicans and Brazilians. The modern innovations emerge inside the traditional models, in which is visible the impacts and the transmissions of Brazilian culture not only in Portuguese territory but also intensive in African territories.

The aim of this research is to draw some of the guidelines of the modern collective housing, from the city to typology, in countries with a common history in order to: 1) to record the abundant evidence of an intercultural influence; 2) to contribute the dissemination of modern architecture 3) the enhancement of architectural design and his research process. Relate to architectural works, testimony to the modern value of planners, architects, landscape architects, engineers and artists working together with the same ideal: to construct a better world. An essay that attempts to define the modern form of dwelling as a set of relationships and meanings in order to better characterize the architecture of the twenty century and at the same time records the historical and theoretical society of the twenty-first century. Analysing the past, in the present for the future. Not intend to still be modern?

Keywords: Modern Architecture, Collective Housing, Portuguese speaking territories, Modern Projects

1. Introdução

Os ensaios sobre arquitetura moderna são hoje um importante tema de debate arquitetônico, tal como o eminente e atual problema sobre a habitação urbana. O homem *versus* técnica. A habitação *versus* espaço habitável. Uma permanente oposição que transformou a paisagem, a sociedade, a cultura, os hábitos e a aparência das cidades. O texto pretende refletir, analisar e formular hipóteses que dêem resposta a esta dicotomia, tentando explicar as causas econômicas e sociais que determinaram formas e agrupamentos urbanos, valorizando a originalidade e a especificidade de cada projeto. O fio condutor é justamente a cultura arquitetônica portuguesa e a inquestionável viagem e transposição dos valores modernos brasileiros, incidindo na capacidade de adaptação a cada lugar: **Portugal, Brasil, Angola e Moçambique**.

Destacam-se algumas propostas paradigmáticas em Portugal e as repercussões que existiram nos outros territórios, desde a escala da cidade até ao objeto em si, dando relevância ao bairro, à unidade de vizinhança, ao edifício e à tipologia, de modo a contribuir à concepção arquitetônica através do projeto, superando o seu caráter estritamente teórico e sustentando que a habitação coletiva é uma manifestação própria da modernidade durante o período colonial português¹.

Falar das obras é falar dos arquitetos, neste caso da *geração do Congresso*², moderna, criada e maturada entre as escolas de **Lisboa e Porto**, que num contexto e num ambiente de “fuga” a um país retrógrado se fixa em territórios ultramarinos sem nunca perder porém as bases culturais europeias. Delfim Amorim no **Recife**, Pancho Guedes em **Maputo**, Vieira da Costa ou Simões de Carvalho em **Luanda**, Francisco Castro Rodrigues no **Lobito**, são nomes e cidades que se citam neste texto. Conseguiram afirmar a linguagem internacional e moderna nas cidades tropicais, de tão difícil aceitação em Portugal, reunindo o moderno ao tradicional, o internacional ao local, interesses econômicos e funcionais às necessidades reais da população. Como pode esta

¹ O âmbito do estudo está banalizado entre os anos 40 e termina com o particular ano em Portugal de 1974, com a *Revolução dos Cravos*, em 25 de Abril de 1974, data em que se proclamou a Democracia em Portugal, que derrubou o regime ditatorial de Oliveira Salazar e originou simultaneamente o processo de independência das colônias portuguesas em África. Apesar do período de maior intensidade arquitetônica se produzir entre as décadas dos 50 e 60, é inevitável ampliá-lo às décadas que o precedem e que o continuam, de modo a levar a cabo uma melhor compressão da evolução da habitação coletiva moderna.

² Entende-se por a geração do Congresso o grupo de arquitetos portugueses que participou no 1º Congresso Nacional de Arquitetura, ocorrido em Lisboa em 1949. O acontecimento foi considerado como um momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitetos, onde se definiu uma geração de arquitetos marcados pela dimensão humana da profissão com a coragem de demarcar-se frontalmente em relação ao regime. Debateram-se temas como a exigência da organização social da cidade, a renovação tecnológica, o gravíssimo problema da carência da habitação e a construção em altura, o papel do arquiteto nas colônias, entre outros.

expressão moderna afirmar os valores de liberdade democrática num regime de um Estado opressivo e colonial?

É precisamente, a partir do estudo do conjunto e o (re)conhecimento global destas arquiteturas e dos seus autores, que se começam a criar e a entender as relações arquitetônicas que extrapolaram os territórios nacionais e ampliaram o espólio da arquitetura moderna. A recuperação do patrimônio arquitetônico constitui um sinal positivo de conservação de valores da cultura local e o conjunto faz a cidade e dá a identidade própria a cada uma. Atualmente continuam a existir vários casos de abandono, esquecimento, falta de reconhecimento, degradação em edifícios que deviam ser considerados por todos como Patrimônio.

2. Manifesto

*A intenção geral da arquitetura moderna era proporcionar ao homem uma nova “casa” e ser expressão de uma renovada “amizade” entre o homem e o seu entorno*³. “O problema da casa” – escrevia Le Corbusier em 1923: “*é o problema de uma época. O equilíbrio das sociedades depende atualmente dele. O primeiro dever da arquitetura de uma época de renovação, consiste em rever os valores e os elementos que constituem uma casa*”⁴. “*Os tempos modernos são um fato: existem “indiferentes ao nosso “sim” ou “não”, dizia Mies van der Rohe em 1930*”⁵. Os ideais debatidos nos famosos e influentes CIAM⁶ ganhavam força por toda a Europa, no entanto em Portugal a sua implantação era de difícil e lenta aceitação.

³ Norberg-Schulz, *Los Principios de la Arquitectura Moderna*, Barcelona: Editorial Reverté, 2005, p.17.

⁴ Le Corbusier, *Por uma arquitetura*, São Paulo – Brasil: Editora Perspectiva, [1923] 2002. 6º Edição.

⁵ MIES, Van der Rohe, “Los nuevos tiempos”, em *Escritos, diálogos y discursos*, Murcia: COATT, 1981, p.41.

⁶ Os CIAM, Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, e principalmente os primeiros três tiveram grande influencia nesta temática. O I Congresso dos CIAM realiza-se em 1928 (Suíça) e debateu-se principalmente os temas do urbanismo do ponto de vista da zonificação e da produção industrial, propondo uma política do solo coletiva. O II CIAM, realizado no ano seguinte em Frankfurt, sob o tema “Estudo da Habitação Mínima” proposto por Ernest May (publica em 1930 com o título “Die Wohnung fur Existenzminimum”. O III CIAM realiza-se em Bruxelas com o tema “Divisão racional do solo”.

Terminada a Guerra ⁷, Portugal vivia tempos de contestação ao regime de Salazar e neste contexto surge o grande acontecimento da década: O 1º Congresso Nacional de Arquitetura em 1949. Marca a história da arquitetura moderna em Portugal, onde se conclui por unanimidade que a *arquitetura deve exprimir uma linguagem internacional que aliada ao urbanismo moderno deve encontrar a solução para o “gravíssimo” problema da habitação* ⁸. Definia-se uma geração de arquitetos marcados pela dimensão

humana da profissão, com a coragem para enfrentar o regime e que procuram responder da melhor maneira aos problemas da cidade e por conseguinte da sociedade, conscientes que *“falar de arquitetura moderna é falar de um problema político”*⁹. Reclama-se industrialização e a participação dos arquitetos na resolução do problema do habitar urbano, sem constrangimentos nem obrigatoriedades de estilos. Reivindica-se a uma outra escala, que não a do edifício isolado, isto é: a escala da cidade. Sob o lema *“os nossos edifícios são diferentes dos do passado porque vivemos num mundo diferente”*¹⁰, começam a apresentar-se obras e projetos que permitiam afirmar: *“entre nós, já existe uma arquitetura moderna, com tal sentido de triunfo que nada poderá destruí-la”*¹¹.

3. Vontade de fazer Cidade

3.1. Recortes urbanos nas cidades capitais

Em Lisboa pensa-se pela primeira vez a habitação coletiva como idéia de cidade ao pôr em prática o Plano de Urbanização para o bairro de Alvalade, um caso paradigmático no contexto português. Projetado por Faria da Costa em 1945, representa uma mudança de estratégia: um grande conjunto residencial sustentado por um plano integral baseado na habitação coletiva apoiada por uma série de equipamentos sociais. Inicialmente realizado como um bairro ideal com base nas aspirações do *Estado Novo* e nas

⁷ Embora Portugal assumisse uma participação neutra no conflito da II Guerra Mundial (1939-45), é importante salientar que por lado assina um Tratado de Amizade com a Espanha nacionalista de Franco em 1940 e 1944 assina um acordo de concessão de instalações militares nos [Açores](#) com os [Estados Unidos](#). Com o final da guerra, o governo de [Salazar](#) decreta luto oficial de três dias pela [morte de Hitler](#) em 1945.

⁸ Lima, Viana em *Relatório da Comissão Executiva*, “O Problema da Habitação”, em *Teses, Conclusões e Votos, do I Congresso Nacional de Arquitectura*, edição FAC-SIMILIDADA, Junho 2008.

⁹ Botelho, Manuel, “Os Anos 40: a Ética da Estética e a Estética da Ética”, In *Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, Ano I, nº0, Outubro de 1987.

¹⁰ Citação do texto de apresentação da exposição *International Styl: Architecture since 1922*, organizada por Henry Russell-Hitchcock e Philip Johnson n Museum of Modern Art de Nova Iorque em 1932.

¹¹ Barbosa, Cassiano (compilação), *O.D.A.M., Organização dos Arquitectos Modernos do Porto*, Porto, 1947-1952, Porto, Ed. Asa, 1947, p.145

intenções do modelo da cidade-jardim foi pontualmente alterado por traçados racionalistas, denunciadores claramente dos princípios da Carta de Atenas.

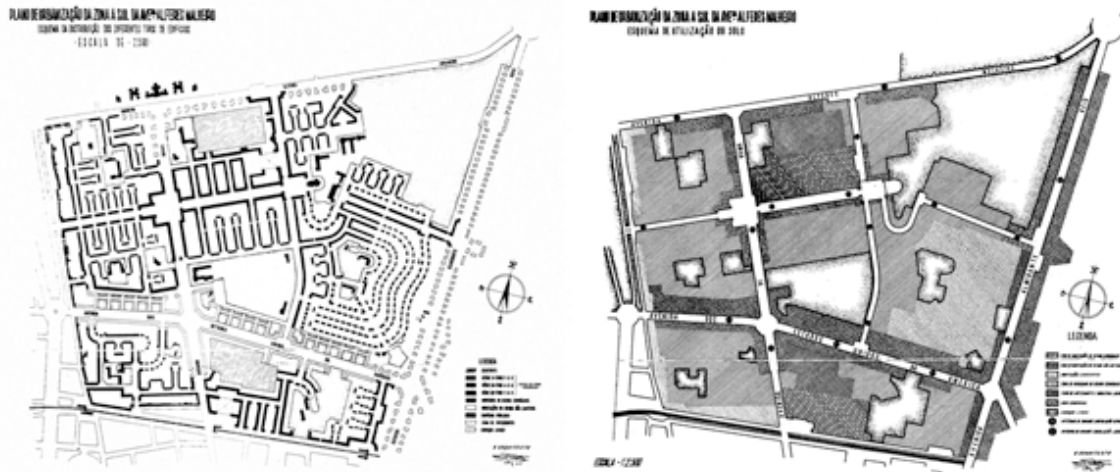


Fig. 1: Faria Costa, Plano de Urbanização da Zona Sul Alferes Malheiro,

(f: Arquivo, CML)

Enquanto no Brasil se alcançava o auge de ideal urbano moderno com a aprovação do “Plano Piloto de Brasília” de Lúcio Costa (1957), na África de domínio português, assistia-se à implantação do moderno de forma mais descontínua mas intensa. As cidades africanas foram alvo de uma maior liberdade quer em expansão (enquanto área de crescimento) quer em expressão: arquitetônica, idealista e política. Os Planos Diretores para as cidades tropicais eram executados de modo centralista e desenhados *às cegas* na Metrópole, no então criado *Gabinete de Urbanização Colonial*¹², submetidos ao poder central e por conseguinte bastante conservadores, conseguiram no entanto atingir uma consolidada imagem moderna.

Vieira da Costa, após estagiar com Le Corbusier, propõe na sua tese de fim de curso no Porto o “*Anteprojecto de uma Cidade Satélite para Luanda*” onde as unidades residentes para indígenas são uma prioridade de integração: urbana e social¹³. Com o

¹² *Gabinete de Urbanização Colonial* foi criado em 1944 pelo então ministro Marcelo Caetano. A partir das alterações constitucionais de 1951, passaria a designar-se Gabinete de Urbanização do Ultramar. Seria extinto em 1957. Nos anos 60-70, em paralelo e como resposta à Guerra Colonial, desenvolve-se uma tentativa tardia de “Nação Plurirracial” e assiste-se à aceleração de uma explosão urbana.

¹³ “Compete, pois, ao europeu criar no indígena necessidades de conforto e de uma vida mais elevada, impelindo-o assim ao trabalho que o levará a fixar-se, e o que facilitará a mãos-de-obra mais estável. A orientação das habitações e a localização dos bairros indígenas são os dois grandes elementos que devem reger a composição do plano de uma cidade colonial.” em Costa, Vasco Vieira, *Luanda:*

primeiro *Anteplano de Urbanização de Luanda*¹⁴, e principalmente com *Plano Diretor* (1961-62) e o desenvolvimento de várias *Unidades de Vizinhança*¹⁵, como exemplo o bairro da Prenda de José Pinto e Simões de Carvalho¹⁶, **Luanda** definia o seu traçado urbano moderno.

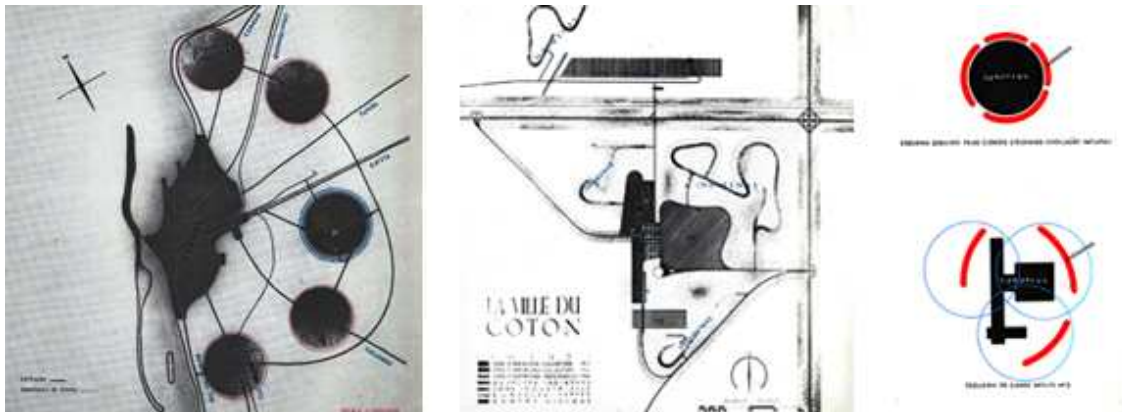


Fig. 2: Vieira Costa, “Anteprojecto de uma Cidade Satélite para Luanda” (f:FAUP)

A cidade de **Maputo** assegura sua qualidade urbana e o cenário à tradição de “elite culta” que o meio artístico e arquitetônico cultivava com o Plano Araújo (1947), e sobre este, o Gabinete de Urbanização Colonial e a Câmara Municipal irão desenvolver diversos estudos que culminarão num plano de João Aguiar (1952-1955). Parte de “três

Cidade Satélite n.3, FAUP publicações, p.6

¹⁴ Moreira da Silva vai colaborar com o urbanista francês Étienne de Gröer na elaboração do primeiro *Anteplano de Urbanização da cidade de Luanda*, na seqüência de idêntica e anterior colaboração no *Anteplano de Urbanização* da cidade de Coimbra, Portugal.

¹⁵ “Nas unidades de vizinhança introduziu os conceitos práticos de “miscigenação” dos diferentes grupos sociais e étnicos , numa visão urbana de reequilíbrio das tensões da comunidade existente: casas em pátio, moradias unifamiliares e geminadas, prédios de habitação coletiva (com a “invenção” da tipologia “triplex”, evolução d Evolução do corbusiano “duplex”), em Fernandes, José Fernando, *Arquitectos do Século XX – Da Tradição à Modernidade*, Caleisdoscópio, 2006, p.181.

¹⁶ Simões Carvalho, formado em Lisboa, passa pelo *Gabinete de Urbanização do Ultramar* (1955-56) e trabalha com Le Corbusier, onde colabora no projeto do Mosteiro de La Tourette, acompanha a obra do Pavilhão do Brasil na Cidade Universitária de Paris, mas sobretudo participa nas Unidades de Habitação de Berlim e de Brey-en-Foret. Regressa a Luanda em 1960. Em Angola, a sua vocação de urbanista manifesta-se rapidamente e participa no *Plano Director de Luanda* e sobre Planos Parciais (Centro Governativo, Unidades de Vizinhança, Centro Desportivo, Zona turística da ilha Luanda, das vias de cintura, eixos viários principais e zonas industriais).

premissas básicas: reestruturação do preexistente; consolidação das periferias e proposição de novas áreas predominantemente residenciais, pontuadas de grande modernidade principalmente no conceito das *unidades de vizinhança* que transporta pragmaticamente para os bairros indígenas¹⁷.

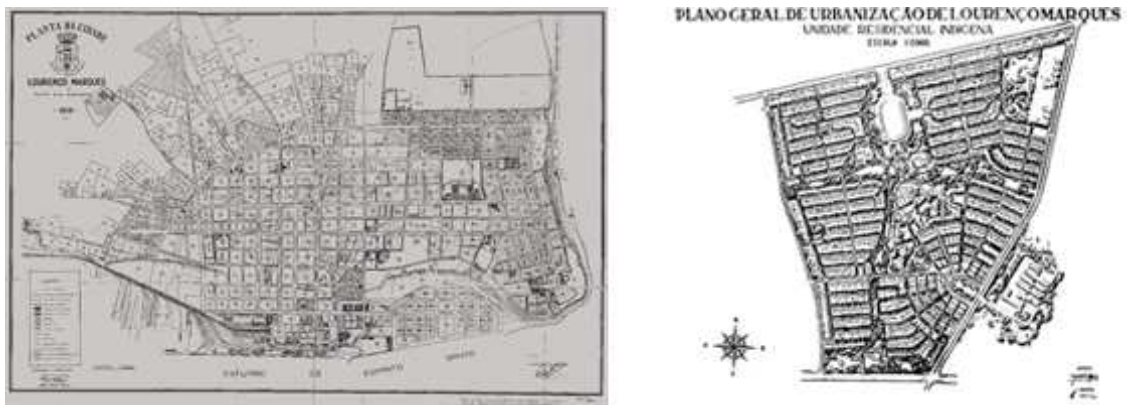


Fig. 3: Plano Aguiar, Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques / Unidade Residencial Indígena. (f: Gabinete de Urbanização Colonial, C.M.L.M.)

2.1.1. Uma grande experiência urbana na segunda cidade angolana

O **Lobito** é um caso singular de estruturação urbanística e arquitetônica e dos mais completos da afirmação do moderno em África, com a assinatura de Castro Rodrigues. Conhecido como o *fazedor da cidade moderna*, teve a oportunidade de corrigir os erros do Plano Diretor¹⁸ já no terreno e foi o grande responsável pela estrutura e crescimento da cidade em *distribuição de zonas, espaços e perspectivas futuras*. Claramente apoiado nos princípios da *Carta de Atenas*, propôs a correção do traçado da linha ferroviária¹⁹,

¹⁷ O Plano Aguiar constituirá a base para o Plano Director de Urbanização de Lourenço Marques, Maputo, Mário de Azevedo, 1969-1972.

¹⁸ Oficialmente, Ministerialmente, Francisco Castro Rodrigues tinha colaborado na elaboração do Plano Diretor da Cidade do Lobito, ainda em Lisboa no Gabinete do Ultramar (1954) e só nos anos 60, passando por muitos entraves municipais conseguiu por em marcha a reestruturação e o novo desenho do Plano, adaptado à realidade social, geográfica da cidade.

¹⁹ “Hoje é inconcebível fazer passar um comboio por um bairro residencial: mesmo sem a questão da poluição, bastavam-nos razões de lógica urbana já aceitas há muito”. Desviou a linha de caminhos de Ferro entre o Lobito e Benguela do centro da cidade ligando-a diretamente ao C.F. com o sector portuário industrial e apoiou a consolidação da área natural da Restinga: zona residencial e de lazer ao longo da língua da baía (onde constrói a Casa Sol, o Bloco Melos).

previu novas áreas de expansão urbana como o Compão (equipamento) e realizou diversas experiências residenciais no Caponte, na Restinga ou nas operações sociais como o Alto do Liro e a Bela Vista ²⁰.

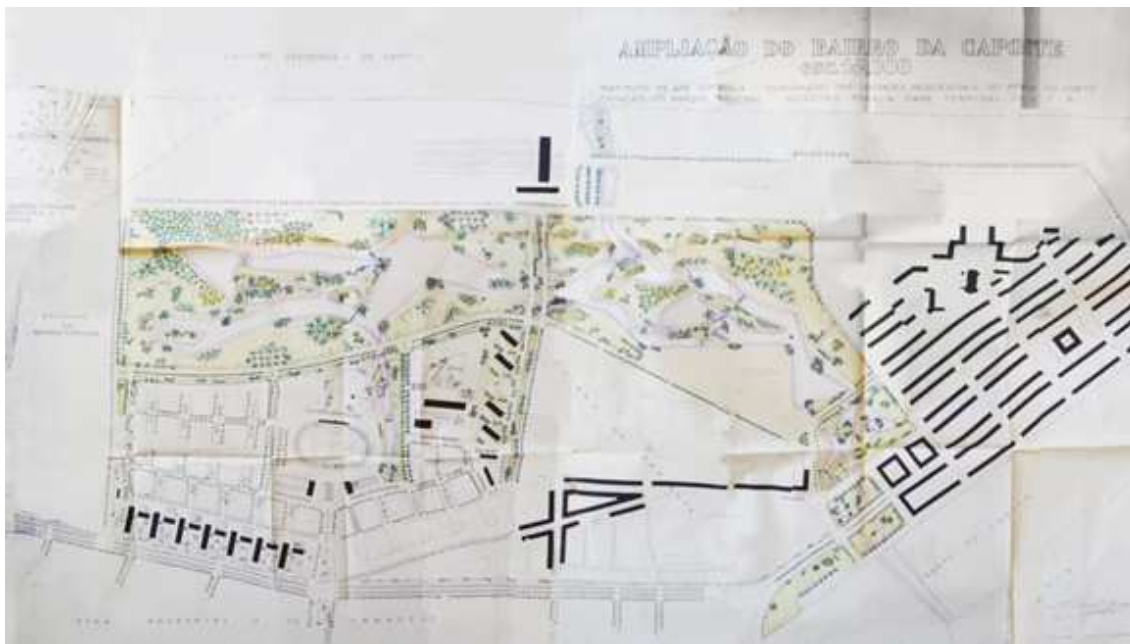


Fig. 4: Castro Rodrigues, Plano de Ampliação bairro da Caponte, Lobito
(f: Espólio FCR)

3.2. Caixas habitáveis em (des)coberta da racionalidade

Edifícios sobre *pilotis* criando grandes espaços ajardinados e coletivos, galerias de acesso aos apartamentos, a procura da melhor orientação solar, as experiências plásticas dos *brise-soleis*, as palas protetoras e as varandas projetadas, as tipologias *duplex* e *triplex* foram denominadores comuns nos projetos. Em 1949 Ruy d’Athouguia e Formosinho Sanchez em **Alvalade**, propõem uma alteração ao Plano inicial com o bairro das Estacas ²¹: quatro blocos perpendiculares à rua principal com uma extensa

²⁰ Castro Rodrigues definiu na cidade: zonas residenciais e de equipamento como o Compão (onde constrói duas obras notáveis da arquitetura moderna: o cine-esplanada Flamingo e o Liceu do Lobito), o novo bairro de expansão do Caponte (Edifício de habitação coletiva da Universal e o Edifício Pic-Nic,) a zona comercial junto ao Mercado, e pôs em prática projetos de habitação social como a operação do Bairro do Liro: um inovador bairro municipal de auto-construção, para 7500 fogos, edificado em “2 anos” e de enorme êxito social.

²¹ O Conjunto Residencial do Bairro das Estacas foi premiado na II Bienal de São Paulo em 1954 (onde na edição anterior da Bienal Lucio Costa foi premiado com o Conjunto Residencial do Parque

plataforma livre de jardins e pátios coletivos (projetados pelo engenheiro Ribeiro Teles) entre os pilotis dos edifícios e alternados com zonas comerciais. Ainda no mesmo bairro, na Avenida EUA surgem no cruzamento quatro *Unités*²² e vários conjuntos residenciais que refletem a imagem de uma cidade moderna com clara com assumidas influências brasileiras e pela primeira vez com outra escala²³.

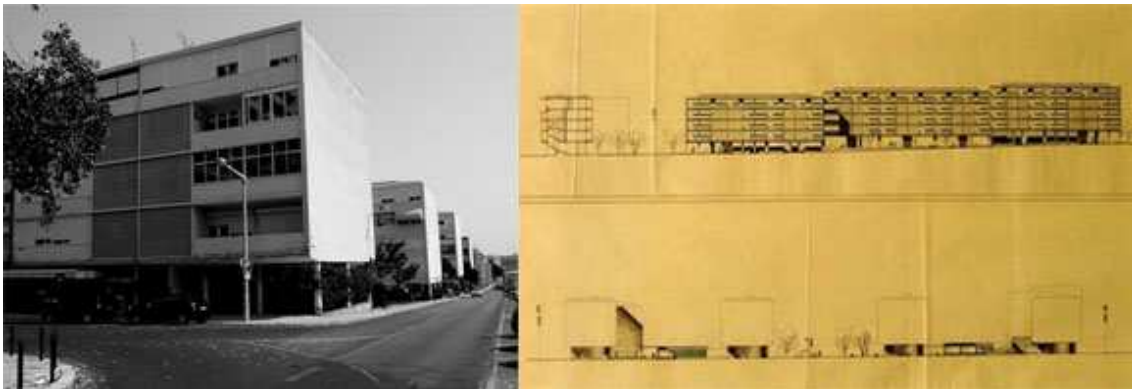


Fig. 5: Athouguia / Sanchez, Bairro das Estacas, Lisboa
(foto:autora / f: Arquivo C.M.L.)

Guinle, no Rio de Janeiro). Foi ainda publicado em 1954 na revista *Arquitetura Portuguesa* mais recentemente no *Jornal dos arquitetos*, n.217, com um artigo de Eduardo Souto Moura. Tem sido alvo das mais diversas referências, com a mais recente representação na última Trienal de Arquitetura de Lisboa, 2007.

²²

Filipe Figueiredo e Jorge Segurado (1951) colocam quatro grandes blocos de treze pisos, aplicando claramente os princípios expressos na Unidade de Marselha de Le Corbusier (1946-52), com um piso recuado inicialmente previsto para uma galeria comercial, tipologias mínimas e a cobertura praticável.

²³

As várias intervenções realizadas devem ser tomadas como uma única Unidade Residencial, com os blocos mais altos perpendiculares à avenida e os mais baixos (4 andares) a encerrar o quarteirão, paralelos e recuados em relação à avenida principal. Edifícios sobre pilotis, grandes espaços coletivos e ajardinados entre eles (60m), as fachadas orientadas a Este-Oeste com tipologias duplex nos últimos pisos e o rigor do tratamento plástico aplicado nos brise-soleil das fachadas.



Fig. 6: Lucio Costa, Parque Guinle, R.J. / Conjuntos Residenciais Av. E.U.A, Lisboa
(fotos: autora)

Prova da reciprocidade do processo cultural luso-brasileiro é o caso de Delfim Amorim, arquiteto do grupo O.D.A.M.²⁴, desenvolve na cidade pernambucana do Recife um trabalho fundamental a nível urbano, arquitetônico e pedagógico. Dentro da sua vasta obra o Edifício *Acaiaca*, na Boa Viagem pela sua original implantação paralela à avenida, contrariando a regularidade da parcela estreita.



Fig. 7: Delfim Amorim, Edifício *Acaiaca*, Recife, (desenho e foto: autora)

A iniciativa privada foi o motor da arquitetura residencial moderna em Angola ²⁵, onde sobressai a imaginação dos projetistas que prevalece face à burocracia regulamentar. Efeitos brilhantes de cheios e vazios, contrastes de luz e sombra sucedem-se em muitos edifícios em Luanda. As palas em betão, marcando a entrada dos edifícios, assim como o coroamento e sombreamento das coberturas, como constata Louis Kahn na sua visita a Luanda ²⁶. Vieira da Costa é tudo o que liga o Porto a Luanda. Racionalista pragmático onde os ensinamentos de Le Corbusier constituem a sua sólida orientação, constrói dentro de uma vasta obra ²⁷, o Bloco dos Servidores do Estado²⁸, adaptado ao terreno em declive, com galerias e volume de escadas exterior, tipologias mínimas e brilhantes sistemas de ventilação.



Fig. 8: Vieira da Costa, Edifício Servidores do Estado, Luanda (fotos: autora)

²⁵ Empresa construtora “Casquilhos” em Luanda e o construtor “Marques Seixas” no Lobito (entrevista Inês Lima, a Francisco Castro Rodrigues, 04/05/2010).

²⁶ “Durante a minha estadia em Luanda (...) outra coisa que me impressionou foi ver alguns edifícios cõscios do calor gerado pelas coberturas. Tinham extensas áreas (...), com aberturas visíveis do exterior onde, entre os dois planos, a brisa podia ventilar. E pensei como seria maravilhoso poder separar os problemas do sol dos problemas da chuva”, declaração de Louis Kahn quando viaja a Luanda no âmbito do projeto não construído para o Consulado dos Estados Unidos em Luanda, Angola (1ª versão 1959-1960; 2ª versão 1960-1961), in Ronner Heinz; Jhaveri Sharad, Louis Kahn, *Complete Work 1935-1974*, Birkhauser, Basileia – Boston, 1994.

²⁷ Vasco Vieira da Costa realiza um obra moderna notável na capital angolana: a nível de equipamentos o recentemente demolido Mercado, O Edifício Mutamba, hoje Ministério de Habitação e Obras Públicas e vários e vários edifícios destinados à habitação coletiva: Edifício Diamong, Residência de estudantes Karl Marx, Edifício Sousa Leal, Edifício Garantia África.

²⁸ Publicado em “Set Obres modernes de L’Ultramar portugès. Apèndix” em *arquitectura del Movimiento Moderno*, Registro DOCODOMO Ibèric, 1925-1965, Fundación Mies Van der Rohe, Barcelona, 1996.

3.4. A permanência do tipo

Em 1928 Bruno Taut publicava o artigo: “*A questão da planta*”²⁹, enquanto que Alexander Klein³⁰ os diagramas da habitação mínima. Se vêem reproduzidos na casa os mesmos mecanismos projetuais da cidade. O grande documento será de novo a planta. O *zoning* e o *microzoning*: um esquema funcional que se reproduz quer no público quer no privado.

Amâncio Guedes³¹, criticou o moderno, usou-o, colou-o: levou o betão, a planta livre, os pilares, as varandas contínuas e introduziu-os com uma plasticidade mestra na arquitetura local moçambicana, principalmente na capital: Maputo. Entre outras obras³², um grande bloco com fachadas de texturas, varandas contínuas, acessos em galeria tipologias mínimas: o Edifício Tonelli.

²⁹ Taut, Bruno. Grundrissfrage en Wohnungswirtschaft. 1928, p. 314, onde definia uma distribuição dupla em planta de uma habitação obreira, desenvolvida em torno a um corredor distribuidor e valorizando a zona de estar em relação aos dormitórios.

³⁰ Klein, Alexander. *Vivienda mínima:1906-1957*, Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona.

³¹ Amâncio Guedes, mais conhecido por Pancho Guedes foi o arquiteto português com mais destaque internacional e foi citado em: Udo Kultermann, *New Architecture in Africa*, New York: Universe Books, 1963, p. 20. *Architectural Review*, n.770, 1961, *Architecture d’Aujourd’hui*, n.102, 1962.

³² Pancho Guedes constrói na área da habitação: A Casa Dragão (1951), Edifício Prometheus (1955), Edifício Abreu Santos rocha (1956), Edifício Spence Lemos (1957), Edifício Simões Ferreira (1962), Edifício Parque (1972) entre uma vastíssima obra na cidade de Maputo.

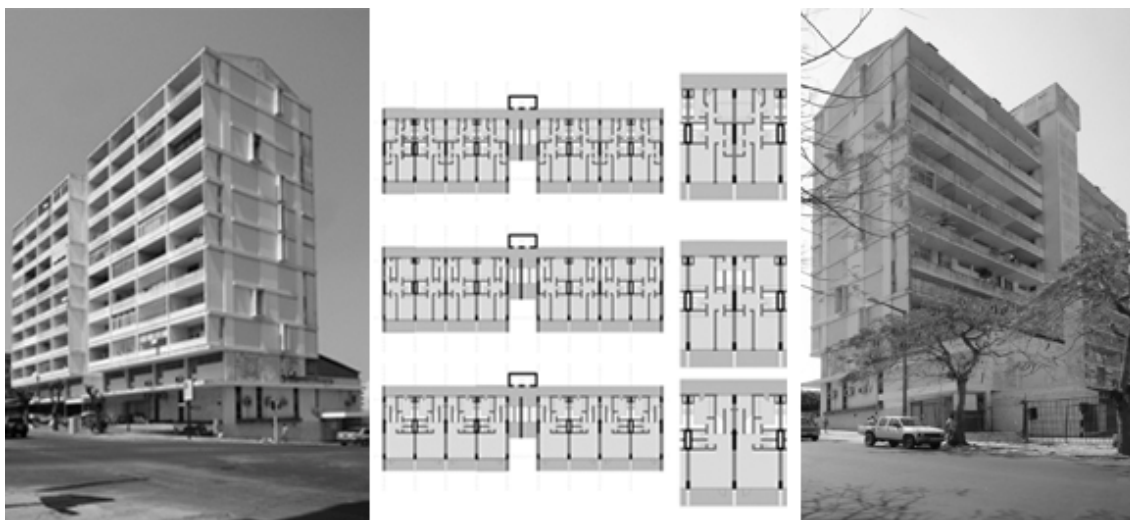


Fig. 9: Pancho Guedes, Edifício Tonelli, 1954-48, Maputo
(fotos / re-desenho: autora)

A produção arquitetônica de Castro Rodrigues³³ no Lobito é notavelmente atravessada pelo imaginário brasileiro que tanto admirava. A Casa Sol, um bloco em “L” na Restinga, com o corpo principal sobre *pilotis* e comércio e uma única galeria de acesso às habitações coletivas (tipologias T2-T4) e *duplex* nos dois blocos laterais Joga com a profundidade das varandas e o sistema de ventilação cruzada, o recurso ao duplex e ganha a difícil luta de colocar um acesso compartilhado entre as populações indígena e branca³⁴.

³³ Castro Rodrigues projeta outros edifícios na área da habitação coletiva: Edifício da Universal, Edifício Pic-Nic, Bloco Melos ou na área do equipamento: o Mercado Municipal, o cine-esplanada Flamingo (1963), o Liceu do Lobito (1966)

³⁴ O projeto fora “chumbado” pelo delegado de Saúde e pela comissão de Estética (!) por não ter separação de acessos entre “patrões” e “criados” e estes – incrível ao tempo! – viveriam em quartos isolados, com casa de banho privativa e por cima dos “patrões”! (...)“ Um dos proprietários era o Presidente da Câmara e Capitão do Porto, não acatou a reprovação, até porque não concordava com as “teorias” que ela implicava. Ele já se batera antes, ao propor no meu contrato, contra um vereador, delegado local da “unidade nacional”, que já não me queria lá, (ordens de Lisboa, da “pide”, já se vê)” em *Caderno de Memórias Francisco Castro Rodrigues*, espólio do autor.

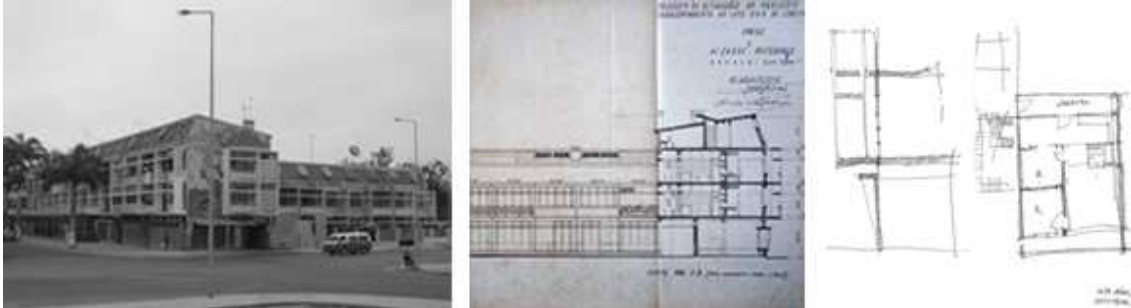


Fig. 10: Castro Rodrigues, Casa Sol, Lobito
(foto, esboço: autora / f: Espolio FCR)

4. A procura do lugar do Azulejo no mundo

A relação da arquitetura e as artes é fortemente expressa na execução de brilhantes painéis de azulejos pintados por artistas plásticos, convidados a integrar o projeto criando uma galeria de arte a céu aberto. Alguns destes painéis ainda existem e são o testemunho vivo de um material de construção duma enorme plasticidade e riqueza e um elemento da representação arquitetônica portuguesa. Seleccionam-se alguns exemplos onde se aplicou o material tradicional português com enorme modernidade e que ajudam a encontrar o **lugar do Azulejo no mundo**.

Amorim no Recife desenvolvia um padrão de azulejo para cada obra, incorporando ao elemento reprodutível o caráter de exclusividade, entregando-o ao objeto ³⁵. Foi utilizado como revestimento em grandes superfícies pela primeira vez no edifício *Acaiaca*. Castro Rodrigues no Edifício *Sol* no Lobito, coloca dois murais “Sol” e “A Lua Embruxada”, pintados diretamente na fábrica “Viúva Lamego” ³⁶ pelo artista Ribeiro de Pavia, hoje visivelmente danificados. Guedes pareceu-lhe que a solução dos murais passava pelas técnicas e materiais dos *calceteiros* que desenhavam nos passeios e praças de Portugal e aplicou-os nas fachadas. Com uma colaboração fiel com o pintor Malangatana, colocou painéis artísticos de texturas e cores nativas em muitas das suas obras.

³⁵ Amorim Luiz, Delfim Amorim. Construtor de Uma linguagem Síntese. Revista *Arquitetura e Urbanismo*, 1989, p.94-94.

³⁶ Fábrica *Viúva Lamego*, indústria cerâmica portuguesa desde 1849 e em atividade até hoje.



Fig. 11: Delfim, Edifício Acaiaca, Recife / Rodrigues, Casa Sol, Lobito (fotos: autora)



Fig. 12: Guedes: Casa Dragão / Edifício Tonelli, Maputo, (fotos: autora)

6. Considerações Finais

A incoerência da história: as cidades tropicais queriam reproduzir os modelos da Metrópole e cresceram muito mais modernas: em traçados, em ideologias em forma e tipologias. Castro Rodrigues foi talvez o caso de autor mais completo na participação em cidades luso-africanas através do seu trabalho quer a nível urbano como arquitetônico.

A atitude moderna esteve patente nas ações urbanas e territoriais, enquanto visões globais de transformação e refletiu-se também em obras isoladas, dispersas pela cidade, mas sem por isso perder a consciência do valor de conjunto definidor do espaço e da arquitetura moderna. Esta dualidade, entre a idéia/plano de conjunto e arquitetura isolada/elementos pontuais, é uma forma muito portuguesa de produção do espaço coletivo, que encontrou neste contexto um modo moderno e contemporâneo de expressão.

As *Exposições de Arquitectura brasileira em Lisboa*³⁷, o Núcleo de Estudos Angolano-Brasileiros³⁸ e a exposição “Arquitectura Moderna Brasileira” no Lobito, a premiação do Bairro das Estacas na II Bienal de São Paulo e a participação de Pancho Guedes na sexta edição³⁹, Vieira da Costa e Simões Carvalho trabalham com Le Corbusier e fixam-se em Luanda. Acontecimentos que ajudam à constituição de dois fatos incontornáveis: o prolongamento da influência brasileira e a dependência de Le Corbusier. No entanto, desenvolvem-se especificidades únicas no campo arquitetônico que com naturalidade, equacionam os valores modernos, valorizando as questões do contexto, do significado do *lugar*, a importância dos materiais e técnicas tradicionais, desmontando o juízo de valor criado à volta da arquitetura moderna e a sua suposta atuação de *tabua rasa* com o existente.

Na época “moderna”, urbanistas, engenheiros, paisagísticos, arquitetos e artistas colaboravam juntos para alcançar um objetivo comum: construir um mundo melhor, desde a cidade até ao objeto, e deixaram vivo um enorme e valioso patrimônio. Numa tentativa de o salvar - escassamente difundido e portanto em risco de perda - via documento, virtualmente ou fisicamente e decifrar os fundamentos de projeto, tanto construtivos como formais, que resolvem de maneira eficiente a adaptabilidade às condicionantes ambientais do lugar e que talvez e em consequência possam servir de

³⁷ A primeira Exposição sobre Arquitectura Moderna Brasileira ocorre em Lisboa (1948 - 49) no Instituto Superior Técnico e a segunda, organizada por Castro Rodrigues e Keil do Amaral, é inaugurada na Sociedade de Belas Artes, na sequência da realização do III Congresso da União Internacional de Arquitetos, em 1953, momento em que chegam a Lisboa personagens como Lucio Costa e Wladimir Alves de Souza. Ambas as exposições tiveram grande impacto e repercussões no meio arquitetônico principalmente através dos artigos publicados na revista *Arquitectura*, n.53, Novembro / Dezembro, 1954.

³⁸ O Núcleo de Estudos Angolano-Brasileiros no Lobito por Francisco Castro Rodrigues, Sérgio Príncipe e Maria da Conceição.

³⁹ Guedes apresenta-se na VI Bienal de São Paulo à margem da seleção oficial portuguesa e expõe três edifícios de Lourenço Marques com programa residencial: Casa Leite Martins (1951–3), um conjunto de doze residências (1954–6) e um bloco de habitação coletiva (1955). Os nomes «verdadeiros» são: Casa Avião, Comboio de Moradias ou Arranha-chãos, O Leão que Ri. Na imprensa paulista, Pancho, então com 35 anos, é apelidado de «revolucionário» e a sua cidade de «moderna».28

modelos referentes à elaboração de propostas atuais de habitações coletivas sustentáveis.

Bibliografia Citada:

ALBUQUERQUE, António Manuel da Silva e Souza. Arquitectura Moderna em Moçambique, inquérito à produção arquitectónica em Moçambique nos últimos vinte e cinco anos do império colonial português 1949-1974, Coimbra Prova Final, Departamento de Arquitectura FCTUC, 1998

BONDUKI, Nabil, “Origens da Habitação Social no Brasil. arquitetura Moderna, lei do Inquilato e Difusão da casa Própria”, 4ª edição, São Paulo, Estação Liberdade, 2004.

COSTA, Lúcio. “Registo de uma Vivência”, Fundação Banco do Brasil.

CAVALCANTI, Lauro. Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitectura 1928-1960, Rio de Janeiro: 2001

“Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira”, Arquitectura, n.53, Novembro/Dezembro 1954, p.17

FERNANDES, José Manuel. Para o Estudo da Arquitectura e do Urbanismo no espaço ultramarino português, no século XX – alguns temas sobre Angola e Moçambique, Candidatura a Provas de Agregação, Lisboa: FA-UTL, 1999

FERNANDES, José Manuel. Geração Africana – Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975, Lisboa: Livros Horizonte, 2002

FERNANDES, José Manuel. “O arquitecto do Lobito”, Expresso, Actual, 18/02/2006, p. 42-43

FERREIRA, André Faria. Obras Públicas em Moçambique – inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2008

GOODWIN, Philip L., SMITH, G.E. Kidder. Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

“III Congresso da UIA”, Arquitectura, nº 53, Novembro/Dezembro 1954, p. 9-13

“Livraria no Lobito – Arq. F. Conceição Silva, Arq. Pint. Frederico George”, Arquitectura, n.38-39, Maio 1951, p. 36-37

9º seminário docomomo brasil

interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brasil . junho de 2011 . www.docomomobsb.org

MILHEIRO, Ana Vaz. *A Construção do Brasil – Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa*. Porto: FAUP Publicações, 2005

MENDES, Manuel; PORTAS, Nuno. *Arquitetura Portuguesa Contemporânea - Anos sessenta / anos oitenta*. Porto: Edit. Fundação de Serralves, 1991.

MILHEIRO, Ana Vaz. “As coisas não são o que parecem que são”. Opúsculo 15 — *Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura*. Porto: Dafne Editora, Novembro 2008.

MILHEIRO, Ana Vaz. “Castro Rodrigues, o arquitecto do Lobito”, em *JA – Jornal Arquitectos*, n.234, Janeiro/Abril 2009, p. 13-15.

“O Pintor Burle Marx e os seus jardins”. *Arquitectura*, n.52, p. 22-23, Fevereiro/Março 1954.

PIÑÓN, Helio. “Teoria y Practica do Proyecto”. Barcelona: edicions UPC, ETSAB 2006.

PORTAS, Nuno. “Habitação Social – Proposta para a Metodologia da sua arquitetura”. Porto: FAUP Publicações, 1 ed., 2005.

PORTAS, Nuno. “A Evolução da arquitetura Moderna em Portugal”, em Bruno Zevi, *História da arquitetura Moderna*. Lisboa, Ed. Arcadia, 1977.

RODRIGUES, Francisco Castro. “A Arquitectura Moderna Brasileira”, Palestra proferida pelo Senhor Arquitecto Francisco Castro Rodrigues, no dia 13 de Junho de 1961, integrada na Jornada Luso-Brasileira levada a efeito de colaboração com o Núcleo de Estudos Angolano-Brasileiros, na Cidade do Lobito [texto policopiado]

RODRIGUES, Francisco Castro. CV, Azenhas do Mar: 2001 [texto policopiado, recortes e manuscritos]

SANCHEZ, Sebastião Formosinho. “A Arquitectura Moderna Brasileira, Arquitectura Moderna Portuguesa”. [Cartas de Leitores]. *Arquitectura*, n. 29, p. 17, Fevereiro/Março 1949.

SIMÕES, João. “A Profissão de Arquitecto nas Colónias”, in: Sindicato Nacional dos Arquitectos, *Actas do I Congresso de Arquitectura*, Lisboa: SNA, 1948, p. 147-150

SOUSA, Wladimir Alves de. “Arquitectura Contemporânea no Brasil”. *Arquitectura*, n.53, p.18-22, Novembro/Dezembro 1954.

TOSTÕES, Ana. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto: FAUP Publicações, 1997

UIA, *Troisième Congrès de l'Union Internationale des Architectes*, Lisbonne: Librairie Portugal, 1953

“A visita dos Estudantes Brasileiros de Arquitectura”, *Arquitectura*, nº 28, Janeiro 1949, p. 22

9º seminário docomomo brasil

interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brásilia . junho de 2011 . www.docomomobsb.org

VICENTE, Manuel, “1948/1961 Espoirs déçus et remous culturales” em *L’Architecture d’Aujourd’hui*,
n.185 Mai/Jun 1976.

“Set Obres modernes de L’Ultramar portugès. Apèndix”. In *arquitectura del Movimiento Moderno*.
Registro DOCODOMO Ibèric, 1925-1965. Barcelona: Fundación Mies Van der Rohe, 1996.